

O TEATRO COMO MEDIADOR NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DO SURDO NO CONTEXTO PEDAGÓGICO

LOUSADA, M. A. R.; SILVA, C. S. da

Centro Universitário Lusíada (UNILUS)

Rua Armando Salles de Oliveira, 150 – 11050-071 – Santos – SP – Brasil

Fone (13) 3235-1311; Fax (13) 3221-4488

posgrad@lusiada.br

Resumo

Este artigo se impõe na prática teatral com alunos surdos, como dinâmica do processo ensino-aprendizagem. O que conduz ao desenvolvimento equilibrado da personalidade do aluno, seu conhecimento de mundo e suas aprendizagens. Permite, também, um impulso criativo em todas as atividades que o espaço escolar oferece.

As atividades se fundamentam na idéia de que uma educação harmoniosa passa pela experimentação e pela construção da própria aprendizagem, num conceito de pedagogia centrada na importância da criatividade e do fortalecimento individual, na construção do conhecimento, na conscientização do sujeito como parte importante da sociedade, e ainda, no desenvolvimento da linguagem levando em conta a emoção como característica singular do humano.

Quer-se mostrar a discriminação e o preconceito; a inadaptabilidade lingüística - dificuldade de comunicação causada pela deficiência, pelo desconhecimento e ou pela exclusão do ensino.

Desse conjunto de interferências adversas ao bom desenvolvimento do indivíduo surdo, eleva-se uma rebaixada auto-estima, resultado da rejeição, indiferença e anulação social.

O instrumental teórico permite a afirmação: O Teatro pode desfazer essas disparidades.

Faz emergir um indivíduo, que consegue se fazer visto e respeitado numa relação reflexiva: surdo ↔ ouvinte, demonstrando ter condições para envolver-se numa situação de aprendizagem no cenário escolar.

Palavras-chave: Educação do surdo. Teatro com surdos. Auto-estima do surdo.

Abstract

This paper is based on theatrical expression practice with deaf students, as a dynamic in the teaching-learning process. Which drives to a balance development of student personality, his knowledge of the world and his learning? It also allows a creative impulse in every activity that school space offers.

Activities are based on the idea that a harmonic education passes by experimentation and construction of self-learning inside a pedagogic concept focused on the importance of creativity and individual strongish, on knowledge construction, on person awareness as an important part of society, and also, on language development taking into account emotion as a human unique feature.

The objective is to show the discrimination and prejudice; the linguistic incapability – communication difficulty caused by deficiency, by ignorance or tuition exclusion.

From this interference group contrary to good deaf development, a humiliated self-esteem grows, as a result of rejection, indifference and social annulment.

The theoretical material allows the affirmation: Theater can make these differences disappear.

It is emerging a person who can make himself seen and respected in a reflexive relation: deaf ↔ listener, demonstrating conditions to be involved on a learning situation at school scenery.

Keywords: Deaf education. Theater with deaf. Deaf self-esteem.

1 INTRODUÇÃO

O ato educativo tem na diversidade humana sua ação e suas percepções. Essa dinâmica traz a complexidade e o movimento da vida para a escola.

O educador submerso nesse contexto sempre em situação de mudanças – onde educar é descobrir novos caminhos – precisa criar ou adotar metodologias diferentes para promover estímulos, habilidades e conhecimento, no interagir com diferenças de toda a sorte, quer humanas: diferenças físicas, intelectuais, sensoriais e mentais; quer sociais e culturais: hierárquicas, econômicas, religiosas.

Por isso, quando ao se pretender lidar com as diferenças de maneira harmônica e com competência num trabalho educacional integrador, cultivando relações e emoções com um olhar no conhecimento e imersos no universo de uma clientela surda, é que através de técnicas teatrais apresenta-se a possibilidade de criar uma condição alternativa de ensino, onde sejam consideradas todas as dificuldades que a criança surda tem em expressar sua emoção, decorrente do impedimento auditivo determinado pela própria deficiência, por uma auto-estima rebaixada, originada provavelmente pela sua historicidade onde o acúmulo de situações vividas sob a égide de discriminações e pela marginalização de

sua língua, considerada menor, tanto pelo visual como pela ausência da fala inteligível, que, desde a Antiguidade se manifesta como um diferencial negativo.

Assim, escolheu-se o teatro, na Pantomima, linguagem gestual-expressiva entendida tanto por ouvintes como por surdos, como fonte geradora da igualdade na comunicação e desencadeadora de emoções e de elementos importantes para uma educação plena e inclusiva.

É preciso trabalhar com as emoções e com os sentimentos, esquecidos na educação do surdo. Há que se ir além do trabalho pedagógico tradicional incorporando às atividades escolares o teatro – Pantomima, como opção de mediação e instrumento importantes no processo educativo.

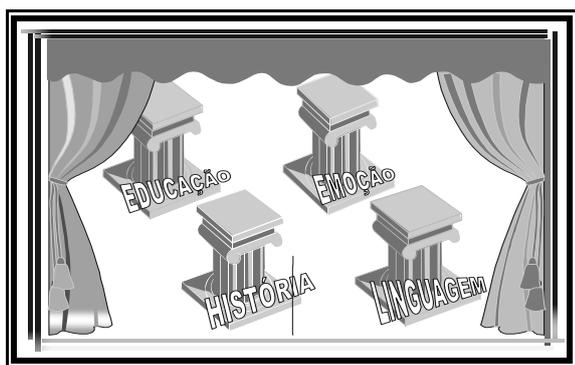


Figura 1 – Colunas :áreas de sustentação e fundamentação do tema.

Com a prática teatral considera-se o fazer pedagógico como uma educação pela ação, respeitando o pensamento de Dewey, berço dos ideais do ensino pela construção do conhecimento, adotados por Piaget (experimental estruturalista) e Vygotsky (culturalista).

2 HISTÓRIA DO SURDO

2.1 EDUCAÇÃO E POLÍTICA EDUCACIONAL

Os deficientes, em geral têm, através da história, sofrido uma gama de obstáculos, preconceitos, discriminações, fazendo de suas vidas uma luta pela sobrevivência. O que nem sempre conseguiram.

Em 2500 a.C. no antigo Egito, os egípcios acreditavam que os surdos não eram capazes de adquirir conhecimento, sequer eram vistos como seres humanos. O ato de não se comunicarem oralmente inferia-lhes uma condição não-humana. A educação transcorre em torno do ouvir e falar bem, este, conteúdo e objetivo da educação.

O indivíduo surdo na sociedade egípcia, embora tivesse direito à vida, não tinha à educação. Desde essa época, passando pela Grécia, adoração ao perfeito, eram tidos como incapazes de raciocínio e insensíveis. Em Roma, segundo o Código de Justiniano o surdo de nascimento não podia ser educado. Assim, por várias épocas o surdo provou em cada sociedade os diversos sentimentos por que

foram tratados: ora com desprezo, ora com piedade, ora com medo.

Em épocas onde a fala, a oratória, a dialética e a gramática representavam a força da sociedade, o surdo fora dos padrões e das expectativas cidadãs, era incluído, como anormal: sujeitos possessos. O que lhes custou a vida, na Idade Média, com a Inquisição.

A Renascença traz mudanças quanto à visão da sociedade para com o deficiente, e mostra perspectivas humanísticas.

No século XIII, a medicina passa a assumir um papel importante na existência do surdo. Nesse período fica delineada a educação do surdo determinada pela ação médica.

Estruturava-se uma educação que priorizava o desenvolvimento da linguagem oral e tornava secundária a aquisição do conhecimento, este subordinado à escrita e à fala.

Somente no século XVI é iniciada a educação de crianças surdas com os precursores Leon e Cardamo, na Europa, o método de ensino utilizava gestos (mímica), e alfabeto dactilológico embasado na aprendizagem da palavra.

Muitas teorias são levantadas sobre como educar o surdo, sendo que muitos mestres aparecem nesse cenário como Bonet, Carrión, Helmon, Wallis, Amman, Pereira, L'Epée.

Depois do movimento naturalista que tinha na medicina um recurso para a educação do surdo, esta evolui para a educação oralista, na tentativa de normalizá-lo. Surge a educação gestual que em contrapartida com a educação oralista, elege o gesto, linguagem de sinais como a língua natural do surdo.

Durante o século XIX, mudanças ocorrem, e a procura da saúde e da higiene, constaria do currículo escolar, ao lado da atitude alimentar. Para o surdo, o desenvolvimento da fala entrava como unidade de higiene e saúde.

Em 1880, há em Milão o Congresso sobre Educação de Surdos, e de lá, em função do pensamento científico, é tomada a decisão de que a forma mais adequada de se educar o surdo é o oralismo, modelo superior de comunicação.

Isso causa um retrocesso nas conquistas dos surdos e concretiza a rejeição social pela comunidade.

Termina o século XIX com o surdo sendo educado sob o poder de cientistas médicos, em clínicas, nas escolas e em instituições, por pedagogos especiais e psicólogos, impedindo-os de usar qualquer forma de gestos.

Um século mais tarde, na Alemanha, o Congresso Internacional de Educação de Surdos, surge com uma ação mais complacente em relação à Língua de Sinais.

A Educação do surdo no Brasil teve uma ação amparada no ideal europeu, seguindo seus modelos. A história revela um abandono e um desconsiderar irremediável, que apesar de tantos caminhos provados, em nenhum se considera a posição do surdo e da sua comunidade. Sempre querendo ouvintizá-lo, desrespeitando, desse modo, sua língua, sua forma de comunicar.

A absorção dos movimentos estrangeiros na nossa educação especial moldou com muitos elementos este ensino desde o Egito até o atual ensino-aprendizagem.

O surdo carrega o estigma invisível, como assim mencionado na introdução, que incidiu sobre ele e que o sentenciou a um patamar socio-cultural marginal, gerando um rebaixamento da auto-estima e uma dificuldade em expressar seus sentimentos.

A História demonstrou que o homem, desde a Antigüidade, mantém-se resistente ao que se apresenta diferente do seu modelo da sua vontade.

Tem profunda dificuldade em aceitar as diferenças entre as pessoas, culturas e sociedades.

Resultado nesse contexto: O deficiente não correspondendo ao ideal de modelo, sofre discriminações e preconceitos, levando-o ao rebaixamento de sua auto-estima.

A política educacional brasileira, em conformidade com o modelo europeu, manteve-se fiel. Submetendo a clientela surda ao ensino oralista com tendência clínica e com vistas à equiparação lingüística ouvinte, até, como se poderá verificar em 1996 – ano em que começa a vigorar a nova Lei de Diretrizes e Bases – lei 9394/96, trazendo em seu capítulo 9 os desígnios para a Educação Especial permeado pelo ideal inclusivo, abrigando preocupações quanto aos currículos, aos métodos e as técnicas para o atendimento de alunos especiais e também demonstra a preocupação em preparar professores. Não resta dúvida quanto ao avanço teórico. Porém é preciso mais, a necessidade está em aceitar efetivamente os desafios. Não somente buscando preparo científico, mas, sobretudo, trazendo determinação, amor e criatividade para o fazer pedagógico especial.

3 MÉTODOS

A ausência de audição e dificuldade na linguagem desencadeia problemas na área do desenvolvimento, prejudicando o processo ensino-aprendizagem, que ocorre numa relação dialética com o desenvolvimento cognitivo.

Sendo assim, o indivíduo surdo fica distante dos processos sociais e culturais pela diferença lingüística, demonstrando custo de aprendizagem, de sociabilidade e afetividade, fruto da auto-estima rebaixada e da dificuldade em expressar seus sentimentos.

Quadro potencializado pela metodologia de ensino: método oral, gestual e misto, dirigidos à ouvintização e normalização, seguido da desconsideração a sua capacidade e forma de comunicação.

Esse panorama apresentado concorre ainda, para que o surdo tenha dificuldade em interagir no ambiente escolar.

Os métodos de ensino, como o citado, objetivavam a comunicação para **falar** – ponto de dificuldade.

A linguagem, fundamental para o desenvolvimento cognitivo e capacitadora da interação social, norteadas por sentimentos não produziu esse resultado com o surdo.

Como explicar que uma educação baseada no desenvolvimento da linguagem pode causar tantas desvantagens? Onde ocorreram os equívocos?

Segundo a pesquisa levada até os estudos de Chomsky, respeitado lingüista, encontra algumas

respostas, onde, considerou-se como justificativa para tal efeito sombrio.

Quadro 1 – Fundamentação sobre a Origem da Linguagem.

Autor	Conceito	Teoria
Chomsky	A linguagem é inata.	Teoria Inatista
Piaget	A linguagem é produto do desenvolvimento cognitivo.	Teoria Evolutiva
Vygotsky	A linguagem é resultado da interação do processo evolutivo interno com o meio físico e social.	Teoria Sócio-Interacionista
Maturana	A linguagem se dá fora do corpo e através de coordenações de ações consensuais. O homem existe na linguagem.	Teoria Biológica

Para Chomsky a linguagem é inata, uma característica natural do ser. Manifesta-se pela Competência através do modelo (I-Language) como a própria capacidade do ser humano e pela Performance (E-Language), exteriorização dessa capacidade, originando assim, a Gramática Gerativa, composta de estruturas superficiais e profundas.

Então, ao aplicar-se esta teoria ao universo do surdo filho de pais ouvintes, conclui-se que: A linguagem inata do surdo é diferente da linguagem modelo (materna), para a qual o indivíduo surdo não possui a natural competência (I-Language). Isso não anula a teoria de Chomsky, ao contrário explica o que acontece com o desenvolvimento da linguagem do surdo e porque não consegue evoluir na construção de seu conhecimento. Observe-se: O surdo é humano, como humano tem um dispositivo natural para a linguagem. Porém, a performance do surdo é diferente do modelo (E-Language), localizando desta forma um importante ponto de dificuldade.

Em princípio, pode parecer um choque de idéias querer estabelecer uma relação da dificuldade de aprendizagem, da rebaixada auto-estima e da marginalização ontológica do surdo com as diferentes abordagens utilizadas para normalizá-lo (ensinar-lhe a falar), quando pelo estudo da linguagem levantamos ser esta uma atividade mental ligada ao desenvolvimento cognitivo numa relação de construção e evolução. Porém, é preciso entender que esses processos foram aplicados em dissonância com a natureza do surdo, sem ideais educacionais e culturais concretos, desconsiderando a aptidão e vontade do indivíduo surdo e ignorando sua competência lingüística.

Os métodos de ensino gestuais ficaram por muito tempo inacessíveis a um público surdo, principalmente aos filhos de ouvintes. Foram métodos que se desenvolveram na marginalidade em razão de existirem em escolas de segregação, fortalecendo uma cultura diferente que se mantém viva, mas em

paralelo ao meio social que pertencem, pelo menos geograficamente.

Mesmo ao concordar-se que a Educação Bilíngüe (método misto) é a forma mais adequada de ensino, e sendo hoje obrigatória a presença de um tradutor em Língua de Sinais em todos os lugares onde houver pessoas surdas (lei 10436, de 24 de abril de 2002), a realidade está longe de colocar os professores em situação de domínio da LIBRAS, o que representa manter essa educação nos padrões oralistas, cultivando assim o predomínio dessa abordagem e a exclusão de muitas crianças surdas inábeis para o aprendizado da língua oral do sistema de educação. Excluídas, porque a maioria das crianças surdas que são matriculadas nas escolas, geralmente não pertencem a famílias de poder aquisitivo suficiente para suprir as necessidades clínicas que elas carecem no campo fonoaudiológico. Refiro-me ao atendimento semanal especializado com fonoaudiólogos e ao uso de prótese.

Ao fazer esse alerta para o delicado estado emocional do surdo na sociedade ouvinte, ao citar sua rebaixada auto-estima e buscando uma educação que englobe não o conhecimento pelo conhecimento, mas o conhecimento para ser partilhado e colocado a serviço do bem comum é que urge abraçar como meta o trabalho acadêmico associado a uma proposta de equilíbrio e externalização da emoção e sentimentos da criança surda no contexto escolar através da linguagem da nova pedagogia com vistas para a formação integral dessa criança.

Os métodos de desenvolvimento da linguagem como o método oral, o gestual e os métodos mistos trazem uma gama de opções filosóficas e de trabalho, que neste estudo serve como possibilidade de conhecimento, e não como objeto para ser avaliado.

Hoje, com o início da obrigatoriedade de tradução da Língua de Sinais também no espaço escolar, está-se valorizando seu idioma e considerando a pessoa surda como sujeito de sua língua e, portanto, anulando o que poderia ser impedimento para uma escolarização regular; o impedimento da comunicação. Isso, numa situação ideal.

Quanto ao aprendizado de uma segunda língua, a oral, não há dúvida de que é possível e deve ser ensinada.

Contudo, a comodidade da presença de educadores bilíngües e o uso da Língua de Sinais como fonte de comunicação no ensino formal não estimula o desenvolvimento da linguagem oral no surdo (isso não se apresenta como regra geral, mas pode ser aplicada à grande maioria dos alunos surdos).

Lembrando sempre que a nova LDB, lei 9394/96, prega a formação do aluno para viver em sociedade, e enfatiza os métodos interacionistas de ensino da língua em que a linguagem é vista como forma de ação sobre o outro e sobre o mundo.

4 EMOÇÃO E O TEATRO

Quando, ao ser evocado o fato da desconsideração, da capacidade e da forma natural de comunicação do surdo, e, ao ser levantada, em razão

disso, a dificuldade em externalizar seus sentimentos, colocou-se em pauta, a importância da emoção.

Emoção, fenômeno biológico próprio da dinâmica da corporalidade humana, que por se entrelaçar com nosso viver e com nosso linguajar, pode ser também cultural.

A emoção é vivida e permanece, dela surgem os sentimentos que se expressam com a linguagem. Há, então, uma ligação profunda. Pois, o nosso viver acontece da reciprocidade do jogo existente entre os domínios do linguajar e do emocionar-se, originando as interações: "... enquanto o organismo vive está emocionado e em interações." [1].

A educação se dá nas interações com o meio e com o outro. Nesse intercâmbio a emoção aparece como elemento vital, sendo que é nas interações humanas que se pode criar o mundo que se quer.

Tem-se aqui, um elo para ligarmos a educação do surdo, a emoção e o teatro.

Começando pelo amor: – emoção que nos dá origem e que na sua existência aceita e legítima o outro na convivência → o teatro – pode possibilitar essa experiência.

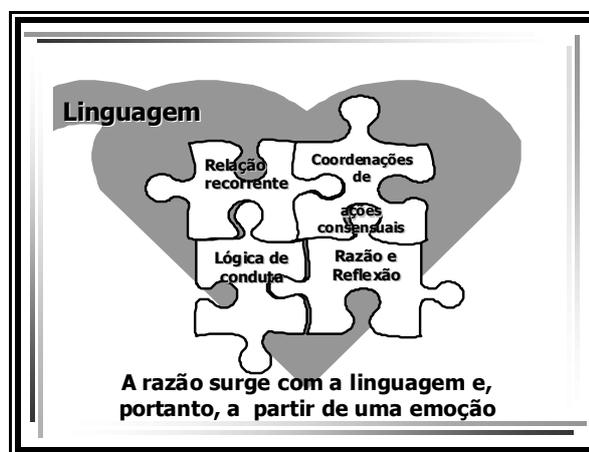


Figura 2 – Linguagem substrato da emoção.

A linguagem – o homem existe nela, num fluir recursivo de coordenações consensuais de condutas → o teatro - abraça esse pensamento, visto serem essas coordenações inerentes ao teatro, que é constituído de situações que admitem vários linguajares.

No fenômeno das relações humanas se estabelece a conversação, que é o entrelaçar do linguajar com o emocionar-se → o teatro – nesse entrelaçamento o teatro se sustenta.

Dentro da dinâmica interativa entre a emoção, o organismo e o meio, aparece a capacidade de autoprodução → o teatro – cada instante de criação o organismo humano demonstra sua capacidade autopoietica.

A emoção leva-nos à ação e ao conhecer → no teatro – toda ação é movimento, é emoção, portanto, leva ao conhecimento.

Aprender, sob a ótica da emoção, consiste em transformar-se, mudando o olhar, trazendo diversidade e qualidade de experiências, abrir-se ao desconhecido, questionar, refletir, elaborar → a situação teatral remete a um olhar diferente, à

diversidade de experiências, a uma condição de transformações, buscas e aprendizado.

Espaço escolar, campo interativo, referencial para observação e discussão → o teatro – também suscita discussões, requer observação e discussões, sendo o espaço escolar local interessante e convidativo para a prática teatral.

4.1 TEATRO: MEDIAÇÃO NA EDUCAÇÃO DO SURDO

O homem se identifica com o representar, e o ato de representar, supõe o desejo de comunicar. O comunicar, é entendido em todos os elementos do teatro, uso das várias linguagens, verbal e não-verbal. Procura nele mesmo demonstrar seus modelos sociais, históricos, culturais, políticos e afetivos: via todas as suas linguagens. Trabalha com o vivido, o conhecido e o imaginário.

O teatro tem uma forma de comunicação que se aproxima da língua do surdo: expressão corporal, delimitação espacial, elementos visuais (facilitadores) – similitude.

Necessita de disciplina, dedicação, entusiasmo, ação, conscientização corporal: elementos importantes para o fazer educativo no processo ensino-aprendizagem.

Com o teatro podemos oferecer uma educação mais significativa para o surdo, resgatando esses alunos para a dinâmica escolar.

Ele, o teatro, que está fundado na experiência das idéias, no conhecimento e nos sentimentos, o aluno surdo passa a perceber e a entender suas emoções. E, com a realização das atividades teatrais, o aluno surdo adquire confiança, se fortalece interiormente, elevando assim, sua auto-estima.

Os objetivos pedagógicos anseiam por elevar a auto-estima do surdo, fortalecê-lo interiormente, provocando mudanças.

Como conseguir tão desafiadora tarefa? Equiparando o surdo e o ouvinte numa terceira esfera de comunicação.

Pelo uso de técnicas teatrais, expressão e conscientização do corpo, exercícios de respiração e sensação, improvisação, pesquisa e criação, ação e movimento. Trazendo, a linguagem teatral na Pantomima como a 3ª Esfera da Comunicação: onde surdos e ouvintes podem se entender sem que para isso seja necessário se apossar da linguagem do outro. Sentindo concretamente um ponto de convergência lingüística e provando a equiparação na comunicação de forma real.

Assim, para fazer-se a ligação entre o surdo e a sociedade ouvinte é preciso perceber a necessidade de estimular a emoção por um caminho diferente, não sonoro. Para permitir o desenvolvimento motor e de equilíbrio com mais facilidade no surdo, é necessário trabalhar ritmo, pontuação, percepção do espaço, de si e do outro. Também, para que o surdo possa construir significados é preciso desenvolver a linguagem, e para ter condições de dialogar é importante que esteja integrado em unicidade com a situação social e lingüística de acordo com o as afirmações de Vigotsky e Bakhtim.

Portanto, é com o fazer artístico que será direcionado o desenvolvimento individual e social do surdo, mediante a subjetivação através da atividade

com signos não-verbais (interpessoal), recurso de domínio do surdo, na linguagem do corpo como recurso semiótico, na Pantomima, esta permitindo o diálogo – unicidade social e lingüística (comum, inteligível tanto por surdos como por ouvintes).

O diálogo acontece em diferentes momentos. Não como meio, mas como resultado.

Os objetivos gerais pedagógicos desejados com a expressão teatral consistem em potencializar no aluno, a percepção de si e do mundo; domínio dos sentimentos; desenvolvimento da imaginação; conhecimento de mundo. Também aquisição de competências, desenvolvimento da linguagem e conhecimento da escrita.

Dois objetivos pedagógicos específicos pretendidos para o ensino do teatro com o aluno surdo no ambiente escolar:

- a) possibilitar uma educação rica e prazerosa dando condições de conhecimento e cultura;
- b) trabalhar todo o potencial de comunicação, levando a novas relações, desconsiderando sua língua e igualando-o pela linguagem teatral – a pantomima. Entre outros objetivos.

Também, pode-se contribuir para a Educação, oferecendo ao meio acadêmico um material sobre a possibilidade de aplicação de uma abordagem educativa diferenciada através da arte, com o teatro, a uma clientela surda. Socializar uma situação alternativa de ensino onde seja valorizada a eficiência sem desconsiderar a deficiência.

5 CONCLUSÃO

A partir de uma educação onde a emoção é considerada como condição humana, o aluno surdo terá todo o potencial humano trabalhado em direção do sentir, criar, querer, respeitar e evoluir. Características decorrentes da condição humana.

Trata-se de integrar os projetos pedagógicos numa dimensão cultural, de permitir a conjugação da cultura do livro – simbolizada pela escola e a cultura da imagem e movimento – própria do aluno surdo, de criarmos condições para que os homens lutem contra seus próprios preconceitos.

Devemos transpor as dificuldades e voar, o vôo para o novo em busca da felicidade.

A escola assumindo e facilitando através do teatro e de todo instrumental técnico e humano as possibilidades que o conhecimento oferece, pode voar. Voar na busca de condições para sermos felizes.

A relevância deste trabalho se solidifica na medida em que ao aplicar o teatro – Pantomima com alunos surdos, os resultados foram positivos, mostrando um quadro de pesquisa e estatística favoráveis, demonstrando que esse estudo tomou a direção correta.

Amostra do relatório e avaliação de uma oficina de teatro com surdos.

Quadro 1 – Resultado.

Número de alunos	1ª questão		2ª questão		Avaliação do resultado
	Sim	não	sim	não	
19	19	-	18	01	Objetivos da oficina
100%	100%	-	94,74%	5,26%	Plenamente atingidos

Os resultados apresentados no quadro 1 foram obtidos a partir dos relatórios levantados segundo o modelo contido no quadro 2.

Quadro 2 – Modelo Relatório a partir da observação do aluno pela professora da sala – Oficina: “O CIRCO”.

Aluno: _____ Idade: ____ Anos/Sexo: ____.

Tópicos observados	Aumentou Melhorou	Sem Alteração	Diminuiu
atenção	x	x	x
concentração	x	x	X
empenho	X	x	x
relação afetiva c/o professor	x	x	x
relação afetiva com os colegas s/o	X	x	X
aceitação pela comunidade escolar	X	X	X
aproveitamento /aprendizagem	X	X	X
cultura geral	X	X	X
interesse nas aulas	X	X	X
envolvimento com a escola	X	X	X
interesse em aprender	X	X	X
responsabilidade	X	X	X
alegria	X	X	X
prazer em trabalhar	X	X	X

Quadro 3 – Questionário.

VOCÊ GOSTOU DE PARTICIPAR DA OFICINA DE TEATRO?
SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/>
GOSTARIA QUE TIVESSE SEMPRE NA ESCOLA ESSE MOMENTO PARA O TEATRO?
SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/>
PERGUNTA PARA A PROFESSORA

HOUVE ALGUMA MUDANÇA NESSE ALUNO?
SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/>
EM QUÊ?
DISCIPLINA <input type="checkbox"/> RELACIONAMENTO <input type="checkbox"/> APRENDIZAGEM <input type="checkbox"/>
A (S) MUDANÇA (S) POSITIVA(S) <input type="checkbox"/>
NEGATIVA(S) <input type="checkbox"/>

Quadro 4 – Final da Oficina: Resposta dos Alunos.

Número de crianças envolvidas	Alteração em todos os itens (para melhor)	Alteração parcial (para melhor)	Sem alteração
19	13	06	-
100%	68.42%	31.57%	-
A oficina atingiu seus objetivos com sucesso			

Mediante a pesquisa e o estudo do tema, este trabalho traz o fazer teatral como uma proposta alternativa para inserir o surdo no contexto a princípio escolar de modo efetivo, ou seja, colocá-lo no processo ensino –aprendizagem, e seqüencialmente, visando o social: exercendo plenamente sua cidadania. Isso norteada pelo trabalho de sensibilização, motivação e valorização do surdo, sendo estes, peças desencadeadoras das condições pessoais favoráveis para assimilação desse projeto educativo.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1]. MATURANA, Humberto. A Ontologia da Realidade. Belo Horizonte: UFMG, 1999.